

AS TIRAS HUMORÍSTICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Enedina Cristine da Silva (UFPB)
enedinacristinesilva@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Dentre tantas ferramentas educacionais que têm por objetivo o aperfeiçoamento e o desenvolvimento de um ensino-aprendizagem com qualidade e atualidade, o Livro Didático é um dos que não ficam de fora.

Presente na sociedade desde a Grécia antiga, o Livro Didático continua sendo um instrumento de “**socialização**” entre o conhecimento já estabelecido, o corpo docente e o discente. Nele, o estudante tem a oportunidade de entrar em contato com uma diversidade de gêneros textuais, podendo conhecer sua composição e estilo.

É o caso das Tiras Humorísticas, que permitem ao educando interagir por meio de um agir comunicativo observando construções críticas através de um humor intencional, além de conhecer a opinião do quadrinista, percebendo que por trás de toda personagem há um sujeito dialógico. E essa dialogicidade ocorre através de uma representatividade oral que faz uso de uma linguagem verbal escrita, ou seja, a Tira Humorística é um gênero que só pode se manifestar para o leitor por meio da escrita, embora retrate uma situação discursiva oral.

Em virtude dessa característica intrínseca, espera-se que as falas representadas se deem tal qual uma real situação interlocutiva informal. Portanto, esse artigo tem por objetivo investigar até que ponto é de fato retratado um diálogo, ou se, pelo fato de ser escrito, sobressai uma variedade padrão, uma vez que a linguagem verbal escrita possibilita um estilo mais elaborado.

A escolha desse gênero se deu pela razão do grau de proximidade em relação a situações interlocutivas reais vivenciadas cotidianamente e em esferas socialmente diversificadas.

O corpus selecionado e analisado foi obtido por meio de uma pesquisa empírica quantitativa tendo por campo delimitado os livros didáticos adotados para o Ensino Médio das escolas estaduais do município de Aliança-PE.

A pesquisa foi fundamentada na Teoria Variacionista do linguista *William Labov*, bem como dos estudos dos pesquisadores Maria Maura Cezario e Sebastião Votre.

1. O LIVRO DIDÁTICO

Conforme já exposto, o livro didático, ou o que se considerava como tal, surgiu na Grécia antiga –

Platão aconselhava o uso de livros de leitura que apresentassem uma seleção do que havia de melhor na cultura grega; a partir daí, o livro didático

persistiu ao longo dos séculos, presente em todas as sociedades com situações formais de ensino. (MORAIS, 2011, p. 270).

Especificamente no Brasil, o termo '**livro didático**' se consagrou na década de 30, período no qual procurava desenvolver “uma política educacional consciente, progressista, com pretensões democráticas e aspirando a um embasamento científico”. (FREITAS ET AL., 1999, p. 12).

A partir do Decreto-Lei nº 1.006 de 30 de dezembro de 1938, Art 2º, o livro didático passa a ser o objeto de uma proposta de regulamentação da produção e distribuição nas escolas que contemplava as matérias das disciplinas que compunham os programas escolares. Entretanto, até 2004 o Ensino Médio não contava com nenhum tipo de livro didático. Como podemos observar em um dos objetivos do Programa Nacional do Livro Didático¹:

- a) contribuir para a socialização e universalização do ensino, bem como para a melhoria de sua qualidade, por meio da seleção, aquisição e distribuição de livros didáticos para todos os alunos matriculados nas escolas das redes públicas do ensino fundamental de todo o País, cadastrados no Censo Escolar; (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2001).

Uma preocupação política educacional era restrita apenas ao que se desenvolvia em relação ao ensino básico, especificamente ao Ensino Fundamental I e II, desde 1938, período no qual foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD)², cabendo “a tal comissão, dentre outras responsabilidades, examinar, avaliar e julgar os livros didáticos, concedendo ou não autorização para o seu uso nas escolas.”(WITZEL, 2002, p.12).

Com a publicação da Resolução nº 38 do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) foram avaliados apenas os livros de Português e de Matemática para alunos da 1ª série do Ensino Médio, sendo distribuídos em 2005 nas regiões Norte e Nordeste.

Uma distribuição efetiva que contemplasse todo o Ensino Médio em todas as regiões do país só aconteceu em 2010 a partir da publicação do Decreto 7.084 de 27/01/2010 “que regulamentou a avaliação e distribuição de materiais didáticos para toda a educação básica, garantindo, assim, a regularidade da distribuição.”³

É importante ressaltar que os livros didáticos são avaliados por 192 comissões de especialistas de 10 Universidades Federais e que os professores da rede pública de ensino têm acesso a resenhas que avaliam o grau de complexidade de cada livro concernente a eixos de ensino como leitura, literatura, produção de textos escritos, oralidade e conhecimentos linguísticos.

¹ Programa criado em 1997 pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC).

² A CNLD foi outorgada no período do Estado Novo, momento histórico marcado por uma política autoritária, opressora e ideológica. Nos anos 60, a sigla CNLD é modificada pela COLTED – Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático – estabelecendo um acordo entre o MEC/USAID, ou seja, entre o governo brasileiro e o governo americano. Devido a escândalos de corrupção a COLTED é extinta em 1971, cabendo ao INL – Instituto Nacional do Livro a responsabilidade de promover o Programa Nacional do Livro Didático, que durou até 1976 passando agora a responsabilidade para o FENAME – Fundação Nacional do Material Escolar. Na década de 80 mais uma vez, por questões políticas, o gerenciamento da distribuição do livro didático fica a encargo do PLIDEF – Programa do Livro Didático – Ensino Fundamental, que perdurou até 1997 com a criação do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático, pelo MEC.

³ Guia de Livros Didáticos PNLD, 2012.

Diferentemente de 1938, os educadores têm, atualmente, mais “**liberdade**” em uma melhor escolha de um material didático que deve ser visto como mais um subsídio no desenvolvimento de saberes de cada educando.

2. TIRA HUMORÍSTICA

A tira humorística, considerada como um gênero multimodal, pois faz uso de dois códigos: o verbal e o não-verbal, está cada vez mais presente em contextos sociais que não apenas a utiliza como forma de divulgar opiniões por meio do humor, mas também que a enxerga como ferramenta na contribuição do processo de ensino-aprendizagem. Na verdade o que está acontecendo é um deslocamento de uma intenção para outra.

Antes de discutirmos sobre uma possível existência de intersecção entre os tipos de intenções, faz-se necessário situar a tira humorística.

Segundo o Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, Marcos Nicolau, o cenário que propiciou o surgimento da tira humorística foram os Estados Unidos, especificamente em 1907, quando o quadrinista *Bud Fisher* se torna conhecido através dos seus personagens *Mutt e Jeff*.

A partir desse ápice, outros quadrinistas de outros países, incluindo o Brasil, foram saindo do anonimato e ganhando notoriedade por meio dos seus personagens que satirizavam a condição humana por meio de um jogo de humor aparentemente inocente.

A tira humorística, ao longo dos anos, foi perdendo espaço em seu suporte convencional – o jornal – sendo obrigada a conter sua mensagem em um formato que corresponde a três ou quatro quadrinhos diagramados horizontalmente formando uma faixa – daí o termo tira.

No Brasil, atualmente, alguns jornais ainda favorecem a publicação das tiras, como é o caso da Folha de São Paulo.

Mas, não só em jornal vive a tira humorística. Essa passou a circular também em outros suportes como em sites, testes do ENEM, Vestibulares e em Livros Didáticos. Esse último apresentando uma versão da função social da tira que é divulgada em jornais. Na verdade o que ocorre é que a tira humorística é retirada de seu contexto habitual com um propósito comunicativo próprio para assumir o contexto de coadjuvante no processo de ensino-aprendizagem em outro contexto e com outro propósito comunicativo, que é o caso do livro didático e da exemplificação de conteúdos gramaticais, respectivamente.

A “**intersecção**”, já brevemente citada, corresponde ao que é possível elucidar como fator verdadeiro daquilo que é ensinado pelas gramáticas. É o que podemos verificar na figura 1.

Construindo o conceito

Leia esta tira:



(O Estado de S. Paulo, 29/7/2006.)

- A tira provoca humor por meio do jogo entre as palavras *camelos* e *camelôs*.
- Destaque a sílaba tônica de cada uma dessas palavras e classifique-as quanto à posição da sílaba tônica.
camelos: paroxítona; camelôs: oxítona
 - Embora as duas palavras terminem em *-o(s)*, somente *camelôs* tem acento gráfico. Tente deduzir a regra que determina a acentuação gráfica dessa palavra. Como a palavra *camelôs* é oxítona, deduz-se que todas as oxítonas terminadas em *-o(s)* são acentuadas.

Figura 1 Fonte: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, THEREZA COCHAR. Português Linguagens: volume 1. 7ª ed. Reform., São Paulo: Saraiva, 2010.

A intersecção existente entre a tira e o conteúdo gramatical abordado é a utilização ou não do acento circunflexo: **CAMELOS X CAMELÔS**, ou seja, o emprego do acento interfere no significado da palavra, daí sua importância. A tira humorística, nesse caso, serviu como meio de introduzir o conteúdo acentuação.

Entretanto, essa “intersecção” é esvaecida quando se verifica a real função social apreendida por esse gênero imagético – crítica social por meio do humor. O que se tem é a utilização da tira em um processo metalinguístico.

A tira em questão foi retirada do seu suporte convencional – que é o jornal O Estado de S. Paulo – pelos autores porque, esses, supõe-se, observou no diálogo transcrito um exemplo de alteração de sentido quando se utiliza ou não a acentuação.

Muito embora, em alguns momentos, os autores façam uso desse gênero em uma perspectiva de interpretação textual, o que predomina é sua utilização como pretexto para abordagens gramaticais e um estudo de interpretação e análise de fato fica à mercê do interesse e da consciência de cada educador.

3. A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística é uma área da Linguística que tem por objeto de estudo a língua falada considerada como um fenômeno social, político e cultural.

Surgida na década de 1960, a Sociolinguística preenche um espaço deixado pela gramática gerativista que se preocupava em analisar a língua enquanto competência estrutural. A competência comunicativa é ignorada por se acreditar em um padrão linguístico uniforme e ideal.

Por acreditarem que a língua falada é resultado de condições extralinguísticas e apresentar fatores linguísticos sistematizados que, linguistas, influenciados pela Teoria Variacionista proposta por *William Labov*, começaram a investigar o vernáculo considerando seu contexto de uso e não apenas um contexto gramatical.

Sendo assim, tanto em um momento formal quanto informal, o estudo da língua fornecia subsídios suficientes para que fosse entendida como um sistema linguístico dinâmico e variacional. Atualmente, é um equívoco o pensamento de que a língua é uniforme e estável.

Diante dessas novas descobertas e da tentativa de difundir uma nova concepção de língua, que vários linguistas e demais estudiosos na área defendem a teoria de que não existe uma “**melhor**” ou “**pior**” língua e sim, variedades linguísticas com graus de complexidade e sistematicidade comuns a qualquer outra língua eleita como língua padrão.

Resta saber se o conhecimento sobre a Teoria Variacionista abrange o Ensino Médio ou se limita apenas ao Ensino Superior. E se perpassa no Ensino Médio, de que forma essa abordagem se dá? São questões que, por hora, não são passíveis de serem discutidas no presente artigo.

4. A VARIEDADE LINGUÍSTICA NAS TIRAS HUMORÍSTICAS

Uma das características da tira humorística é o dialogismo, seja entre os personagens, seja entre personagens e leitor. Mesmo que a tira só faça uso do visual, sem nenhum texto escrito.

O pequeno diálogo transcrito desperta a sensação de que tudo o que se tinha para dizer foi dito, ou seja, as poucas palavras transcritas conseguem determinar o tempo necessário para uma conversa. A brevidade existente consegue comportar um tempo suficiente para fazer o leitor entender e, a partir desse entendimento, achar graça ou não.

Vale ressaltar que “não se pode compreender o sentido de humor presente num texto sem que o conteúdo seja lido e entendido. Humor e entendimento textual são elementos interligados, um depende do outro.” (RAMOS, 2009, p.187).

Como a tira humorística retrata situações informais, cotidianas e seus personagens transparecem um grau maior de proximidade entre si, o comum seria que a variedade não-padrão, os regionalismos, as gírias ocorressem com mais evidência, pois trata-se de um gênero que retrata uma oralidade, mantendo uma situação interativa. Não foi o que se percebeu nas tiras analisadas. Embora retratem diálogos em situações informais, a variedade linguística predominante é a padrão.

As tiras humorísticas observadas foram as que se encontram no livro didático Português Linguagens vol. 1, 2 e 3 dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. O mesmo foi adotado pelas três escolas estaduais do município de Aliança-PE.

Foram um total de 132 tiras humorísticas distribuídas nos três livros, dispostas em exercícios e anotações. Dessas 132 tiras, 74 retratavam um diálogo baseado na norma-padrão e 63 na norma não-padrão. O procedimento metodológico consistiu na verificação da ocorrência de desvios das normas gramaticais em colocações pronominais, sobretudo em início de frases, concordância verbal, abreviações de palavras como “**para – pra**”, “**estou – tô**”, uso de gírias e pequenas marcas oralizadas típicas de regiões - como a pronúncia da palavra “**mermo**”.

Exercícios

Leia a tira a seguir, de Fernando Gonsales, e responda às questões 1 e 2.



(Níquel Náusea – Nem tudo que balança cai. São Paulo: Devir, 2003. p. 12.)

Figura 2 Fonte: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, THEREZA COCHAR. Português Linguagens: volume 3. 7ª ed. Reform., São Paulo: Saraiva, 2010.

Exercícios

Leia a tira a seguir e responda às questões 1 e 2.



(Angeli. Luke e Tantra – Sangue bom. São Paulo: Devir/Jacarándá, 2000. p. 12.)

Figura 3 Fonte: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, THEREZA COCHAR. Português Linguagens: volume 3. 7ª ed. Reform., São Paulo: Saraiva, 2010.

Em decorrência dos números depreendidos, podemos elencar possíveis hipóteses que não visam definir o porquê da preferência de uma variedade por outra, mas sugerir uma reflexão acerca da normatização das falas presentes no gênero em estudo.

1. O quadrinista, embora transcreva a representação de um diálogo, é a linguagem escrita que se sobrepõe.
2. O quadrinista imagina os supostos leitores devido ao suporte veiculado – no caso, preferencialmente, são os jornais de São Paulo⁴. Esses leitores possivelmente, segundo Street, retratam o modelo ideológico de letramento⁵, devido ao perfil dos jornais em evidência.
3. Embora as tiras humorísticas tenham sido retiradas do caderno de entretenimento, percebemos que o discurso veiculado ultrapassa a condição de mera diversão momentânea. A construção dos textos, muitas vezes, reflete uma composição linguística que

⁴ Faz necessário salientar que encontramos tiras cujas fontes foram revistas e livros produzidos pelos quadrinistas, entretanto, em um número menor do que os jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo.

⁵ “As práticas de letramento, no plural, são social e culturalmente determinadas, e, como tal, os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida.” (Street, 1984 apud Kleiman, 2008, p. 21).

indica a presença da polifonia, interdiscursividade e intertextualidade visando leitores com uma faixa etária que sugere maturidade cognitiva, ou seja, a maioria das tiras está direcionada mais para um público adulto do que para um público infantil.

4. A fala dos personagens adultos é mais próxima da norma-padrão, enquanto que os personagens adolescentes ou jovens sua fala configura a norma não-padrão, o que faz com que, algumas vezes, a tira contemple as duas variedades.

Vejamos algumas tiras que colaboram na elucidação das hipóteses elencadas.



(Folha de S. Paulo, 5/4/2004.)

Figura 4 Fonte: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, THEREZA COCHAR. Português Linguagens: volume 1. 7ª ed. Reform., São Paulo: Saraiva, 2010.



(Adão Iturrusgarai. Folha de S. Paulo, 11/4/2003.)

Figura 5 Fonte: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, THEREZA COCHAR. Português Linguagens: volume 1. 7ª ed. Reform., São Paulo: Saraiva, 2010.

Outro ponto interessante é o emprego do pronome pessoal do caso reto, primeira pessoa do singular. Segundo Cezario e Votre, a presença ou ausência do pronome “eu” configura uma língua oral ou escrita. Ao falarmos, segundo esses autores, é comum o uso do pronome e ao escrevermos há a ocorrência do seu ocultamento. A figura 6, mesmo retratando uma interlocução, não corresponde ao uso do pronome em primeira pessoa, ou seja, o pronome é suprimido, o que acaba corroborando a nossa primeira hipótese.



(Adão Iturrusgarai. Folha de S. Paulo, 21/4/2003.)

responder:

Figura 6 Fonte: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, THEREZA COCHAR. Português Linguagens: volume 3. 7ª ed. Reform., São Paulo: Saraiva, 2010.

Uma característica peculiar ao vernáculo diz respeito a entonações e palavras repetidas, típicas em diálogos informais. No caso de retratar alguma entonação, o quadrinista se vale das onomatopeias e dos diversos tipos de balões para que o leitor perceba quando a fala é sussurrada ou quando se trata de um grito, por exemplo.

Não mais do que três tiras foi percebido esse manifesto oral, nas demais o que ocorreu foi o realce em negrito de algumas palavras no discurso, nos sugerindo uma possível entonação. Além dessa peculiaridade não encontramos nenhuma outra. O que nos leva a refletir que a contrariedade é refletida pelos gestos ou pela alteração do semblante dos personagens. Ou que então, todos têm um alto controle emocional.

Uma peculiaridade também no que diz respeito à oralidade aqui tratada, consiste na ocorrência da supressão do “d” em encontros consonantais do “nd” indicando gerúndio. O processo da assimilação tão recorrente no vernáculo, mesmo em pessoas escolarizadas, não é percebida nos diálogos transcritos no gênero imagético em estudo.



(Adão Iturrusgarai. Folha de S. Paulo, 1/6/2004.)

Figura 7 Fonte: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, THEREZA COCHAR. Português Linguagens: volume 3. 7ª ed. Reform., São Paulo: Saraiva, 2010.

CONSIDERAÇÕES

Este artigo procurou traçar uma possível trajetória de dois elementos que estão presentes no cotidiano escolar – o Livro Didático e a Tira Humorística – sendo que um

comportando o outro. E dentro desse universo particular, em especial na Tira Humorística, a possibilidade de enxergá-la como instrumento veiculador de estudos linguísticos.

Embora sua composição pareça indicar ser um gênero supérfluo e simples, há evidências de que se podem extrair graus de estudo no que concerne à oralidade, estratégias de sentido e ensino.

No que diz respeito à oralidade, devido ao presente estudo, podemos sugerir que há uma oralidade simulada na maioria das tiras humorísticas. Mesmo retratando situações informais o predomínio continua sendo o uso de uma língua padronizada.

Fatores extralinguísticos como faixa etária, gênero e sotaques não são tão evidenciados, salvo o regionalismo nordestino reconhecido na tira da Turma do Xaxado por meio da ortografia, de expressões emotivas, ocorrência da assimilação. Porém, essa tira aparece uma única vez na coleção do livro em estudo. A produção que mais surge é a do quadrinista Fernando Gonsales, seguido do quadrinista Adão de Iturusgarai, este natural do Rio Grande do Sul e aquele, natural de São Paulo.

A tira da Turma do Xaxado de Antonio Luiz Ramos Cedraz é alocada logo abaixo do texto de Marcos Bagno sobre preconceito linguístico, presente no livro didático, campo de pesquisa do nosso estudo. A tira, na verdade, está mais para uma mera ilustração do que servindo como mais um texto motivacional na produção do texto dissertativo-argumentativo, atividade que justifica a presença dos textos citados.

O que está perceptível é que tipos de tiras como a Turma do Xaxado são utilizados no livro apenas como ilustração para um estudo ou produção textual sobre variedade linguística. Não se percebe o uso desse tipo de tira em outros contextos.

Outro ponto interessante é o fato dessa mesma tira – Turma do Xaxado - retratar situações interlocutivas entre seus personagens, os quais estão inseridos em classes sociais diferentes, mas pertencentes de uma mesma região. O Xaxado, personagem principal, reproduz o vernáculo sem regionalismos, embora seja identificado através do seu chapéu de cangaceiro. O personagem que é fiel ao regionalismo, sobretudo do interior nordestino, é Zé Pequeno, menino que não gosta de estudar.

O fato de a língua diferenciar os personagens por meio do seu grau de instrução e classe social, faz com que a tira aludida se aproxime mais de uma oralidade que é comum em muitas partes do Brasil.

De um modo geral, o gênero imagético em estudo, no caso a tira humorística, proporciona discussões acerca de acontecimentos históricos, culturais e políticos e entevem análises epilinguísticas necessárias na formação dos educandos.

Resta ao mundo acadêmico e escolar propiciar espaços relevantes para que aconteçam maiores índices de análises e discussões propiciando o conhecimento de um gênero que muito pode dizer sobre variação linguística, dentre outros aportes teóricos.

REFERÊNCIAS

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, THEREZA COCHAR. **Português Linguagens: volume 1, 2, 3.** 7ª ed. Reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

FREITAG B. et al. **O livro didático em questão.** São Paulo: Cortez, 1993.

KLEIMAN, Ângela B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 1ª ed. 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Programas. Livro Didático – PNLD. Guia do Livro Didático**.

MORAES, Milena Borges de. **Ensino de sintaxe – da língua ao discurso – um percurso possível**. Revista Ecos. Edição nº 011 – Dezembro 2011.

NICOLAU, Marcos. **As tiras e outros gêneros jornalísticos: uma análise comparativa**. Revista Eletrônica Temática. Ano VI nº 02 – fevereiro/2010.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

WITZEL, Denise Gabriel. **Identidade e livro didático: movimentos identitários do professor de Língua Portuguesa**. 2002. 175 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2002.